LUX JORNAL | DIARIO DO NORDESTE FORTALEZA-CE | 11 JUN 1997

CIDADE

# Tapebas querem ajuda do bispo para demarcar reserva

## Dom Cláudio Hummes visita esta manhã a comunidade indígena para inteirar-se de seus problemas

"Queremos produzir em nossas terras. Sem terras somos como um peixe fora da água". A frase foi dita pelo índio da comunidade Tapeba, Francisco Alves Teixeira, conhecido como cacique Alberto, ao tomar conhecimento da visita do arcebispo de Fortaleza, Dom Cláudio Hummes, hoje, 11, às oito horas, à aldeia dos silvícolas. Dom Cláudio irá à região ouvir as reclamações do povo indígena e verificar os problemas daqueles que se dizem donos do local, às margens do rio Ceará, próximo a BR -222 (Caucaia).

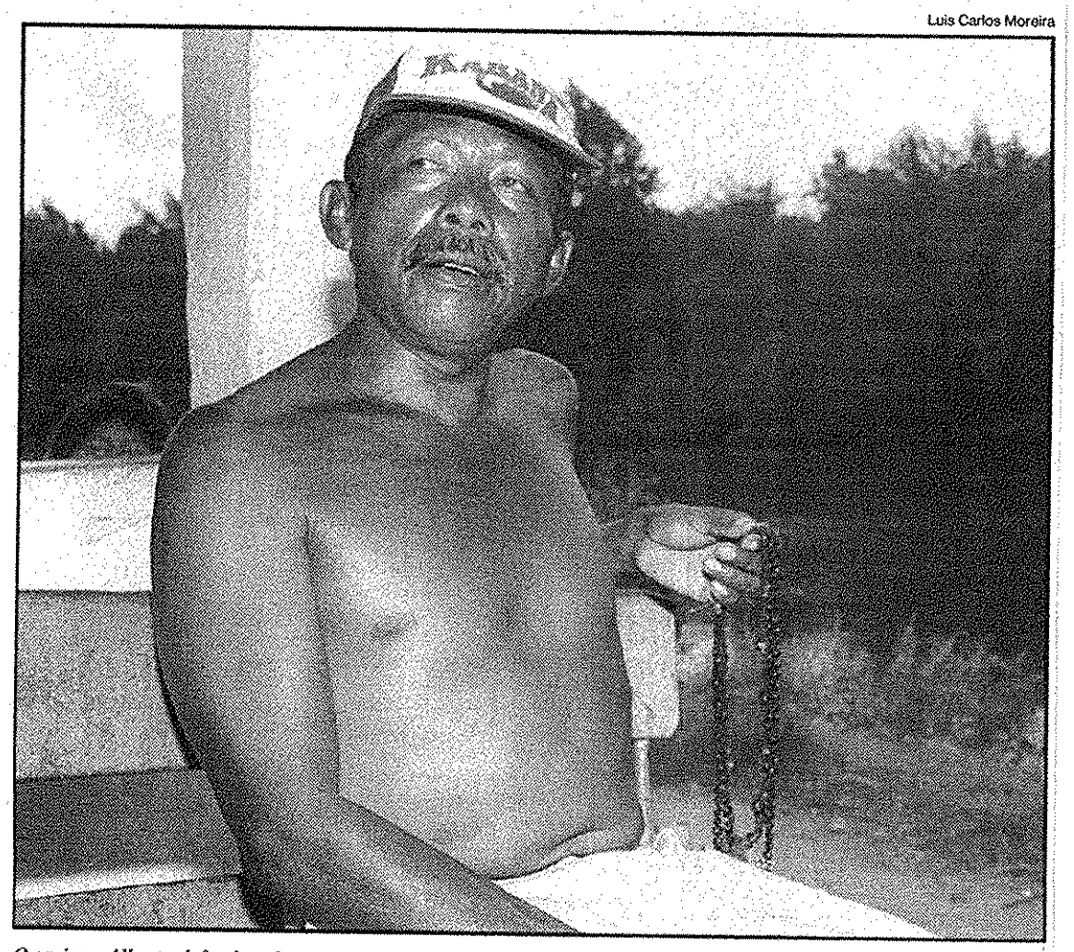
A demora na demarcação das terras é atualmente o maior problema que enfrentam as 44 famílias residentes na área. Os índios que moram às margens do rio não desistem de ocupar seus espaços dentro dos 4.675 hectares que foram identificados e limitados pela Fundação Nacional do Índio (Funai), mas ainda não demarcados pela Justiça. Cacique Alberto afirma que antes residiam na região três nações indígenas: os Tremembés, os Potiguaras (que se passaram a chamar Tapebas para escapar da ira dos latifundiários, que detestavam a tribo), e os Kiriris.

Segundo ele, esses povos eram detentores de 60 mil hectares de terras. Com a expulsão e a fuga de parte dos Potiguaras para a Paraíba, e dos Kiriris para o Rio Grande do Norte, as propriedades foram diminuindo. De 60 mil passou para 30, e hoje, eles têm que se conformar apenas com os 4.675 hectares reconhecidos pela Funai. O cacique não possui nem uma casinha. Ele mora no galpão que também serve de escola para as crianças da comunidade.

Sobrevivendo de artesanato porque não podem pescar no rio poluído e nem possuem terras para plantar, visto que a área que têm acesso é pequena, cacique Alberto queixa-se do tamanho da demarcação da reserva. "A terra delimitada se estende até a Barra do Ceará. Então para nós vai sobrar somente uns 400 hectares para morarmos", disse. Ao mesmo tempo demonstra conformação e sonha: "Deixaremos de morar nessas casas de taipa e construiremos nossa aldeia próxima ao manguezal. Lá, iremos sobreviver não somente de artesanato, mas da pesca do carangueijo e do camarão", exulta o cacique.

A miséria do povo Tapeba é conhecida. É a mesma de tantos índios espalhados por esse Brasil. Um povo sofrido, que luta pelos direitos de suas terras contra poderosos latifundiários. O cacique chama os donos de grandes propriedades de "coronéis". Ele disse que muitos de seus "irmãos" para plantar têm de arrendar seus próprios terrenos aos latifundiários. "Há 16 anos que esperamos por essa demarcação, mas como vamos conseguir se muitos homens poderosos, lá mesmo em Brasília, dizem que a posse das terras pertencem a eles?", indaga.

Luis Carlos Moreira



*O cacique Alberto defende a demarcação das terras para que possam viver da terra*

ARTESANATO — Atualmente, sobrevivendo do artesanato o cacique Alberto mostra todo um trabalho feito com muito carinho e dedicação, responsável pela sobrevivência das famílias Tapebas. É o colar, o arco de flecha, o brinco, o cocar e o bordume. O adereço mais vendido é o colar que custa R$ 3. Feito de pau-brasil, louro, linhaço, coco-babão, pena de galinha caipira e pena de papagaio. Nem todos os produtos eles conseguem pela região. É o caso da pena de papagaio que vem da Amazônia. Em troca os tapebas enviam para os índios da região Norte, semente de linhaça, louro e mulungu.

O índio diz que tem peças muito caras. Cita o cocar feito todo com penas de aves da Amazônia. Esse trabalho ele não vende por menos de R$ 600. Já o cocar feito com as asas da arara também é muito valorizado. É comercializado a um preço de R$ 50. A poranga é muito usada nos rituais de comemoração ou nas brincadeiras. Essa eles não vendem. Apenas passa de cacique para cacique. Ao dançar o toré, um ritual que participa toda a tribo e que acontece normalmente durante as conquistas ou em momentos de raiva, eles têm à mão essa peça.

O cacique cita também outros produtos artesanais bem vendidos como os colares de búzios, de osso, de dentes de animais e o "maracacá de cobra", que vale R$ 200. O colar é muito procurado pelos pais-de-santo da umbanda - diz o cacique Alberto. Os turistas são os clientes mais certos que eles têm. "No período das férias um grupo de 20 índios chega a ganhar por semana, R$ 40", informa o índio.

Dificuldades para demarcar as terras e a opressão que sofre a comunidade. Com certeza esses assuntos serão levantados pelos Tapebas, durante a visita de Dom Cláudio hoje, à aldeia. "Não queremos pedir dinheiro, não somos mendigos. Já temos a energia e o chafariz com água da Cagece para servir ao nosso povo. Para o arcebispo iremos dizer à mesma coisa que falamos ao cardeal Dom Aloísio Lorscheider. "Dê apenas uma força para nossa demarcação de terra!" Pode ser que só assim ela saia logo", disse o representante da comunidade.